

## **Mística: fonte de inspiração filosófica e teológica**

O filósofo brasileiro Henrique Cláudio de Lima Vaz (1921-2002), em seu livro intitulado "Experiência Mística e Filosofia na Tradição Ocidental" (Loyola, 2000), chamava nossa atenção para a deterioração semântica do termo *mística*, que acabou por designar uma espécie de fanatismo, com forte conteúdo passional e larga dose de irracionalidade – fenômeno ilustrado pelas expressões "mística do partido político", "mística do clube esportivo" e outras semelhantes. Resgatando o sentido original do termo, como uma forma superior de experiência, de natureza religiosa ou religioso-filosófica, que se desenrola normalmente num plano transracional, mostra como a mística mobiliza as mais poderosas energias psíquicas do ser humano, elevando-o às mais altas formas de *conhecimento* e de *amor* que lhe é dado alcançar nessa vida (cf. Ibid.) Conhecimento e amor, amor ao conhecimento, conhecimento que brota do amor, são expressões caras à filosofia e à teologia.

Para o filósofo das religiões, Raimon Panikkar (1918-2010), mística é a experiência integral da realidade; sendo 'realidade' o símbolo último do todo. Para a mística, todos os nomes comuns (substantivos) são verbos. A flor é flor porque floresce no jardim da realidade, a nuvem porque nubla o firmamento do real, a árvore porque se arvora no espaço do real, o córrego porque corre nas sendas da realidade, o raio porque raia luminosamente das nuvens para baixo, as ondas porque ondulam a superfície do oceano. A flor, a nuvem, a árvore não são partes da realidade, mas são a realidade, ou ainda, a realidade toda está na flor, pois se não estivesse não haveria flor, nem a realidade seria total (PANIKKAR, *Mística y Espiritualidad I*, 2015). A experiência mística é mais do que um conhecer, porque o ser humano, junto ao logos, é também pneuma; junto à inteligência, é também vontade, liberdade, afeto.

Karl Rahner (1904-1984), um dos mais eminentes teólogos do século XX, diz que em cada ato de nossa inteligência e de nossa vontade/liberdade coafirmamos o livre desconhecido, o inefável, o indeterminado, o indisponível, o *summum bonum*, o *mistério*, que nós chamamos "Deus". Se experiência mística é a experiência integral da realidade, segue-se que a

experiência do *Mistério* deve ser igualmente integral. “Nele [em Deus] vivemos, nos movemos e existimos” (At 17,28), diz o apóstolo Paulo no Areópago de Atenas (séc. I).

Aspiramos o todo, a completude, a plenitude, não nos contentando com nada o que é objetivamente definido ao modo de um ente entre outros entes igualmente definidos. Nesse sentido se expressava Agostinho: “Fizeste-nos, Senhor, para ti, e nosso coração anda inquieto enquanto não descansar em ti” (Confissões, I, 1,1).

Michel de Certeau (1925-1986), na introdução da *Fábula Mística*, localiza a procura do místico como aquela que se dirige ao Único, àquele que, sendo Um, não se deixa representar por nenhum outro (CERTEAU, 2015, p.7). Por isso, a mística se compreende como busca. É a ciência de todo aquele ou aquela que realiza todo esforço e opera todo experimento em busca de alcançar *algo* pelo qual possa preencher o coração inquieto. Todo místico é um sedento. O místico é um caminhante; ele vive em permanente êxodo.

Essas breves alusões ao fascinante tema da mística manifestam uma rica gama de conceitos; não conceitos separados um dos outros ou duais/autoexcludentes, mas interconectados. Conhecimento e amor, inteligência e vontade, alma e corpo, espírito e matéria, liberdade e natureza, transcendente e imanente, inteligível e sensível, inefável e dizível, contemplação e ação, teoria e prática, razão e coração, homem e mulher, divino e humano, celeste e terrestre, Deus e cosmos/criação, etc., constituem um todo inter-relacionado. Não é monismo, nem dualismo, nem um pluralismo fragmentado e desconexo que deságua no relativismo.

A explicitação teórico-sistemática dessas interconexões desde uma perspectiva abrangente/universal, coerente e inteligível, constitui a tarefa central da filosofia, do logos filosófico. A teologia, por sua vez, precisa refletir a revelação divina em conexão com o todo da realidade. Isso é fundamental para se falar em experiência de Deus como experiência integral, e evitar, assim, buscar um “Deus” para cada setor da realidade ou para cada âmbito da experiência humana em discursos cada vez mais fragmentados e desconexos.

Nenhum pensador/a, por mais original que seja, é uma mônada. Por isso, podemos buscar as influências que autores do passado exerceram sobre outros/as que lhes sucederam, e estes sobre nós quando os ouvimos e pensamos com eles, à semelhança do que ocorre com os textos do presente volume. É no contexto desta interconectividade intelectual filosófica-teológica e *mística*, que autores mais antigos, como Agostinho, Tomás, João da Cruz, Tereza D’ávila, e mais próximos de nós como Michel de Certeau, Paul Ricouer, Vladimir Jankélévitch, Stuart Mill, Karl Rahner, Jürgen Moltmann, Charles Bernard, Lima Vaz, Clarice Lispector, Pedro Casaldáliga, entre outros/as, se aproximam, se encontram e dialogam entre si e conosco.

Ser um espaço da expressão do *pensar* dialógico, dialogante, dialogal, inter e intracultural, inter e intraeclesial, inter e intrarreligioso para nossos discentes pós-graduandos em filosofia, teologia e áreas afins, resume bem a principal finalidade da Pensar- Revista Eletrônica nesses seus completos *10 anos* de existência (2010-2020).

Nosso especial agradecimento a todos aqueles/as que ao longo destes 10 anos, de diferentes modos, contribuíram para que a Pensar- Revista Eletrônica da FAJE fosse encontrando seu caminho. Como revista filosófica e teológica, esse caminho é o do diálogo, do encontro e da partilha de saberes, do pensar-juntos para pensarmos melhor.

**Luiz Carlos Sureki**  
**Cláudia Maria Rocha de Oliveira**  
**Washington Paranhos**